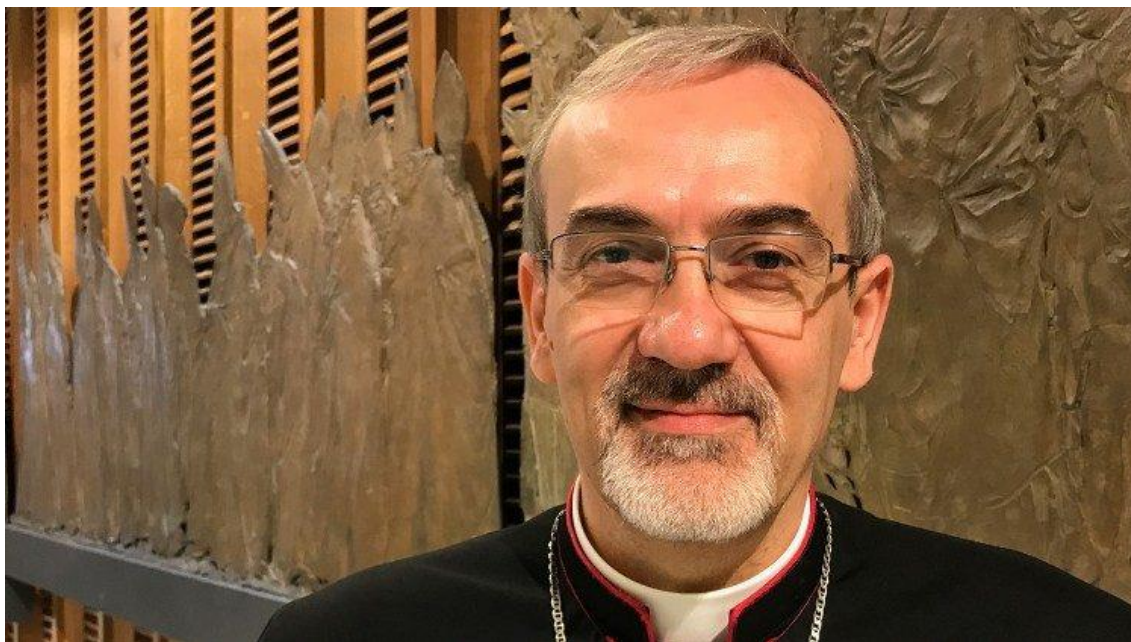


Meditação de Mons. Pizzaballa

7.º Domingo do Tempo Comum, Ano C

(24 de Fevereiro de 2019)



A passagem do Evangelho de hoje (Lc 6,27-38) está intimamente ligada e é a sequência do de Domingo passado. Ouvimos então a passagem das bem-aventuranças na versão de Lucas.

Ao ouvirmos as bem-aventuranças, começámos a olhar para a vida com o próprio olhar de Jesus. E vimos como ele vê que, de forma misteriosa, o reino de Deus está presente nos pobres, nos últimos, nos aflitos. Esta maneira pobre de se viver é, na realidade, uma participação na vida do próprio Deus e no seu estilo de relação.

E em que consiste este reino? Qual é o estilo de vida de Deus? Tudo isto está dito no que acabámos de ouvir hoje. E poderíamos resumir-lo na experiência simples de poder amar o outro mais do que a si mesmo.

Mas como chegar a esta síntese?

Os versículos 27-30 narram episódios concretos da vida, ou seja, das coisas simples que marcam a vida de todos os dias. Pode acontecer que num dos nossos dias alguém leve algo que é nosso, ou que nos tenha magoado ou ainda que nos seja pedido para darmos uma qualquer coisa importante para nós. Mas então, que fazer?

Parece-me que existem duas eventualidades.

A primeira é a de amar o outro tendo-nos, a nós próprios, como medida deste amor. Amamos então na medida em que o outro não me tira nada considerado vital para mim. E se o facto de amar me retira alguma coisa, então paro porque o que é meu é mais importante do que o outro. No entanto, se amar desta forma, na realidade não amo ninguém. Só me amo a mim, e tudo o que faço é por mim.

Mas há uma outra forma de amar, uma outra medida. É amar o outro mais do que o amor que tenho por mim próprio. É amar para lá da minha dor, da minha necessidade

de justiça, do meu direito a ser recompensado, das minhas feridas. Amar assim significa pôr o outro antes de tudo isto, mesmo que ele me tenha magoado.

Então eu não aceito que o que outro me possa retirar ou pedir, que nenhuma ferida que ele me possa causar me possam impedir de manter com ele uma relação. Porque eu não posso viver sem amar o outro como ele é

Assim, nós-próprios não podemos ser a medida do verdadeiro amor.

Mas então quem é essa medida? Temos a resposta no versículo 36: "sê misericordioso, como o vosso Pai é misericordioso".

No Reino de Deus, que Jesus revela nos pobres e nos humildes, não há senão uma maneira de amar. E é a do Pai. Não somente somos todos chamados a amar assim, mas só podemos amar assim porque o amor do Pai vive em nós e fica presente pela graça do espírito. Isto é o Reino dos Céus.

Enquanto cada um tentar amar com as suas próprias forças, não se consegue sair de um amor autorreferenciado. Ficamos presos num amor do qual somos nós a medida. Pode ser grande e belo, mas é incapaz de ir para lá de nós mesmos.

E o que acontece quando amamos como o Pai ama?

Os últimos versículos do Evangelho de hoje mostram-nos o resultado de uma vida assim vivida, o resultado do que acontece àquele que escolhe o Pai como medida do seu próprio amor.

É interessante notar que, no Domingo passado, fomos introduzidos nesta forma de amar olhando para os pobres, para aqueles que na vida são os últimos e sofrem para viver. E, hoje, concluímos o percurso com uma imagem que fala de abundância, de algo que extravasa e ultrapassa qualquer espera ou qualquer esperança. Aquele que se abre a uma medida de amor como a do Reino torna-se verdadeiramente rico e de uma riqueza que enche a vida. Mas para o mundo, esta pessoa aparece como um perdedor, alguém que parece incapaz de reivindicar os seus próprios direitos, de se fazer justiça como seria normal e legítimo que fizesse.

Na realidade é uma dimensão de vida especial e única que será dada e esta pessoa. E só quem assim ama a conhece.

Não somente nada perde, mas preservando a todo o custo a sua relação com o amigo e o inimigo ele fica rico de uma possibilidade de amar que torna a sua vida verdadeiramente eterna.

+Pierbattista